

# **SOLDADOS DO VALE: A história de homens do interior do Ceará que lutaram na Segunda Guerra Mundial**

Antônio Marloves Gomes Vieira Júnior\*

## **Resumo**

O seguinte trabalho traz uma breve narrativa histórica sobre a participação de soldados Cearenses, mais especificamente da Região do Vale do Jaguaribe que comporam as unidades do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Venho nesse trabalho, mostrando como foi a escolha desse soldado que antes era um simples agricultor e descobre que tem que ir à guerra, sem saber o que os espera, não só ao ir para combate, passando pôr histórias vivenciadas por eles na Itália e por fim, mas não menos importante, o seu regresso a casa, sua volta a vida civil e no que deu a sua vida após a guerra, seus traumas, suas dificuldades.

**Palavras chave:** Vale do Jaguaribe; Segunda Guerra Mundial; Memória.

## **Abstract**

The following work brings a brief historical narrative about the participation of soldiers in Brazil, more specifically in the region of Vale do Jaguaribe that Brazilian Army units "in World War II. I come to this work, showing how it was the choice of this soldier who used to be a simple farmer and discovers that he has to go to war, not knowing what to expect, not only to go into combat, passing put stories experienced by them in Italy and last but not least, his return home, his return to civilian life and that gave his life after the war, their traumas, their difficulties.

**Keywords:** Valley the Jaguaribe; World War II; Memory.

---

\* Graduando no curso de história pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE. Bolsista PIBID/FAFIDAM. Email: juniorloveli@hotmail.com

## **Introdução**

A Segunda Guerra Mundial, foi e continua sendo o maior conflito armado da história da humanidade. Conflito este que deixou marcas, nas vidas das pessoas, seja no seu aspecto físico, mental e até mesmo na forma de organização do mundo, visto que a partir do seu fim, o mundo se transformou e foi colocando em destaque os valores e ideologias dos seus vencedores. Surgiu uma nova potência mundial, que até os dias atuais colhe os frutos de algo que ela semeou antes e durante o conflito. Hoje vemos o que essa guerra nos trouxe, não só para o mundo, mas ao vermos o Brasil observamos o quanto ele cresceu, visto que, o início do processo de industrialização no país se dá de forma mais significativa a partir dos incentivos econômicos proporcionados devido à escolha do Presidente Vargas ao apoiar os Estados Unidos da América.

A Segunda Guerra Mundial se iniciou em 1939 quando a Alemanha nazista liderado por Adolf Hitler invade a Polônia dando início ao processo de anexação de países vizinhos a Alemanha. Diante dos acontecimentos outras nações como Inglaterra e Estados Unidos exigem que esses ataques não tivessem continuidade, o que não ocorre já que o exército nazista continua seu processo de conquistas de territórios o que resultará na Segunda Guerra Mundial.

A guerra vai ficar polarizada em duas coalizões os Aliados, que era formado principalmente por Inglaterra, Rússia e em segunda Estados Unidos, e o Eixo, que era composto por Alemanha, Japão e Itália. Essas eram as principais nações que carregavam a liderança de cada coalizão já que eram as mais poderosas militar e economicamente.

Em meio a essa situação estava os Estados Unidos da América que até o momento não havia entrado na guerra, mas apoiava de forma declarada a Inglaterra. A entrada dos Estados Unidos só vai ocorrer de forma definitiva após o ataque japonês a base americana de Pear Harbor localizada no Havaí.

Após a declaração de guerra dos Estados Unidos que exercia um grande poder nas Américas, sugerem que os demais países americanos rompam relações comerciais com os países que compunham o eixo, o que ocorre na Conferência de Chanceleres no Rio de Janeiro em 1942.

Com frentes de batalha em vários campos da Europa, a Segunda Guerra Mundial seguia seu curso de destruição e foi se direcionando também para o Continente Africano. Assim, a guerra se aproximava cada vez mais das Américas, e em meio a isso estava o Brasil, que seria um grande aliado em ações militares devido a sua localização geográfica que facilitaria o deslocamento de tropas e qualquer material de guerra.

Diante de tal situação as principais potências militares (Estados Unidos e Alemanha) viam o Brasil como um local que seria de suma importância em ações estratégicas por possuir, a costa nordeste brasileira que serviria de entreposto para a África, já que é o ponto mais próximos nas Américas para o continente Africano, o que viria a ser chamada futuramente como Esquina do Mundo.

Antes da entrada efetiva do Brasil na guerra o país flertou com essas duas nações sobre quem apoiar, muito em decorrência de o Brasil ter parcerias econômicas com os dois países, sendo os dois principais mercados consumidores da matéria prima nacional. Outro fator determinante na decisão sobre quem apoiar se dava nas ideologias políticas que orientavam o governo de Getúlio Vargas, pois o mesmo era simpatizante das ideologias políticas fascistas que era adotada na Itália.

Se formos nos basear na política interna do país nessa época, vivíamos o Estado Novo, uma ditadura comandada por Getúlio Vargas com controle do governo sobre a população, nos moldes da ideologia fascista. Diante dos fatos isso nos levaria a concluir que, de acordo com a ordem política, haveria uma possível aproximação para o lado do eixo. E era isso que segundo o historiador Antônio Alves Ferraz alguns dos seus líderes militares queriam, como os Generais Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Góes Monteiro, uma aproximação do lado vitorioso até aquele momento, (a meu ver, muito vislumbrados com as vitórias e a grande tecnologia alemã), e também por não confiarem nos norte-americanos, bem como por questões ideológicas. Os próprios alemães estavam dispostos a realizarem as exigências brasileiras, mas isso depois do conflito na Europa.

Do outro lado estava o Ministro das Relações Exteriores Osvaldo Aranha que [...] *em nome do liberalismo e da unidade pan-econômica, contra o crescimento da influência germânica* (Ferraz, 2005) apoiando a aliança com os Estados Unidos.

Esse jogo duplo de Getúlio Vargas e de membros do seu governo também era muito influenciado, segundo a historiadora Luciana Ibarra Santos, pelos grupos que o

mantinham no poder, desde as antigas elites até os militares, cada um tentando tirar vantagem de onde pudesse.

Outro fator de divergência que Ferraz chama atenção era a população, já que, nesse período a população estava dividida, onde muitos brasileiros eram descendentes de pessoas de países do Eixo e se manifestavam contra a guerra. Já outra parcela da população se manifestava a favor, dentre eles integrantes da UNE.

A situação, até o memento estava tranquila, o Brasil firmou acordos com os americanos e a guerra se mantinha distante do Brasil até que em 1942, submarinos alemães, objetivando acabar com as rotas comerciais marítimas que ligavam Brasil e Estados Unidos, atacaram e levaram a pique<sup>1</sup> diversos navios mercantes brasileiros.

Esses ataques se iniciaram em águas internacionais, e em seguida, como relata Ferraz, a marinha alemã recebeu ordem de mandar dez submarinos para a costa sul-americana, porém apenas um tem ordens de atacar os navios, e que acabou destruindo vários navios e causando diversas mortes. Diante da agressão direta a população, principalmente das capitais, se revoltou o que gerou ondas de protestos pelo país, exigindo uma ação mais dura do seu governante maior. Diante da situação, primeiro veio o estado de beligerância, e em seguida, a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e Itália em 31 de agosto de 1942.

A partir de então o Brasil passou a fazer parte da guerra e queria combater, mas para isso precisaria formar um exército, treiná-lo, armá-lo e o mandar para um front.

Em reunião de análise dos resultados da Comissão Mista, Ferraz fala que ficou acordado que o Brasil enviaria três divisões de soldados sendo que cada uma seria composta por 30 mil homens e, tudo que envolvesse uniforme, armamento, treinamento, além do envio das tropas para o teatro de operações<sup>2</sup>. Tudo isso seria de responsabilidade dos americanos já que eles estariam comandando as tropas.

No final de 1943 os americanos olhavam com desconfiança a formação da força expedicionária e perceberam que o presidente Vargas estava fazendo uma manobra política já que a maioria do material bélico serviria para fortalecer as forças armadas brasileiras.

---

<sup>1</sup>Naufragar.

<sup>2</sup> Numa [guerra](#), chama-se teatro de operações à área física em que se concentram as forças [militares](#), as [fortificações](#) e as [trincheiras](#), e em que se travam as principais [batalhas](#). No contexto de uma [guerra](#), poderão existir várias frentes de combate (os *teatros de operações*), que impõem características e circunstâncias ambientais próprias, obrigando à adequação dos meios disponíveis. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_de\\_opera%C3%A7%C3%B5es](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_de_opera%C3%A7%C3%B5es) acesso em 03 de abril de 2014, as 18:05.

Era preciso formar um novo exército, treiná-lo e armá-lo, já que os soldados que havia nos batalhões pelo país a fora era um número insuficiente para as pretensões de guerra brasileiras, além da necessidade de um novo treinamento. Para tanto se iniciou o período de convocação de homens em todo o país.

Entre sorteados e voluntários, todos teriam que passar por uma inspeção médica para avaliar as condições de saúde dos futuros soldados. Ferraz chama atenção para o fato da estimativa de ser selecionado um contingente de 200 mil convocados, dos quais cerca de 60 mil deveriam estar aptos, formando uma elite de soldados. Nos quesitos básicos de seleção estavam: pesar mais de 60kg, altura mínima de 1,60 e ter no mínimo 26 dentes.

Ainda segundo Ferraz, muitos homens foram considerados aptos para o combate, pois a junta médica argumentava que eles estavam mentindo para evitar ir à guerra, usando de artimanhas para se livrar do confronto. Sem contar que as especificações foram rebaixadas já que não tinha pessoal suficiente para realizar as inspeções de forma mais rigorosa.

### **Os soldados do Vale do Jaguaribe**

Em meio a todos esses homens que comporam essa divisão expedicionária estavam homens do interior do Ceará, e são esses homens que farão parte da construção desse texto, contando as suas histórias de alegrias e tristezas enfrentadas por eles no front.

Para a construção do texto faço uso das fichas de cadastramento na Associação Nacional dos Veteranos da FEB subseção do Ceará. Foi também através das fichas que pude encontrar alguns ex-soldados da FEB no Ceará. Durante a pesquisa fotografei todas as fichas e identifiquei 174 homens com origem do Ceará sendo de 51 municípios e das 07 macrorregiões que hoje delimitam o estado.

Segundo os registros do livro do General Mascarenhas de Moraes, são mais do que apenas esses 174 homens que encontrei nas fichas, pois segundo o autor cerca de 377 homens cearenses compuseram o quadro de contribuição para a FEB. A região do Jaguaribe apesar do pouco número de municípios teve uma boa participação no envio de soldados, no total de 19 homens.

Em meio a esta relação dos homens recrutados estão 19 soldados de 04 municípios do Baixo do Jaguaribe<sup>3</sup>, sendo 04 de Aracati, 12 de Limoeiro do Norte, 01 de Morada Nova e 02 de Russas. Não sei se da região foram apenas esses, visto que estou me baseando apenas pelas fichas da Associação. Porém encontrei soldados que não estavam nas fichas como o caso do Sr. Pedro Moreira, de Tabuleiro do Norte, e que pertenceu ao quadro de soldados da FEB, isso quer dizer que podem haver outros na mesma situação dele e que não encontrei registros..

Entre os 12 limoeirenses estão homens que hoje são dos municípios de Alto Santo e Tabuleiro do Norte, isso porque no período da Segunda Guerra Mundial os referidos municípios ainda faziam parte do município de Limoeiro do Norte, vindo a se emancipar politicamente apenas em 1957<sup>4</sup>. Isso ocorreu não apenas aqui na região, consta nas fichas cidades que pertenciam a outros municípios e hoje são emancipadas e ou que mudaram a sua nomenclatura.

Estes eram garotos em torno dos seus 18 anos de idade, que viviam no interior do Ceará ajudando aos seus pais na lida no campo em sua maioria, com uma vida simples, sem muitas perspectivas e que a partir de então tiveram que deixar o lar e ir em um caminho que antes jamais imaginam, ser soldados em uma guerra que até hoje foi a mais devastadora de todas.

Mesmo sem saber o que poderia acontecer se voltaria da guerra ou não, esse homem sertanejo cheio de fé no coração, enfrenta aquilo que muitos dariam qualquer coisa para se livrar, mas mesmo como o clamor de sua mãe um jovem diz o seguinte:

[...] mãe eu tenho que ir, porque se eu fui escolhido foi porque Deus quis assim, eu vou e eu volto, eu fui escolhido... Se Deus me escolheu eu tenho que ir por que. Mas meu finum vá não, né chorando e dizia. Eu tenho que ir porque se eu fui escolhido por Deus eu num posso recuar, então eu tenho que ir, mas eu volto.<sup>5</sup>

Segundo a Dona Neuzenir, filha do Sr. Antônio Alves de Lima, essas foram às palavras do seu pai para a sua mãe ao saber que tinha sido convocado para a guerra.

---

<sup>3</sup> A macrorregião do Jaguaribe é dividida em algumas microrregiões, sendo assim os municípios que irei trabalhar pertence a microrregião do Baixo Jaguaribe.

<sup>4</sup> Os dois municípios tiveram a sua elevação a categoria de município em 1957 e só forma se desmembrar em 1958.

<sup>5</sup> Entrevista realizada por Antônio Marloves Gomes Vieira Júnior com o Sra. Maria Neuzenir de Lima no dia 17 de setembro de 2013.

Respondendo a um chamado de Deus ele não poderia deixar de ir, pois tinha a certeza que estava sob a sua proteção e retornaria para os braços da sua mãe.

Após a convocação teve um período de treinamento em Fortaleza no 23º BC, e me seguida embarcaram para o Rio de Janeiro, onde era realizada mais uma inspeção de saúde antes do embarque para a Itália.

Uma vez treinados era chegada a hora de ir à guerra. Em 31 de março de 1944 o 1º DIE<sup>6</sup> marchou pelas ruas do Rio de Janeiro (Capital Federal) apresentando os seus soldados.

Na noite de 29 para 30 de junho, os três grupamentos em que estavam organizados os futuros expedicionários até então, partiram para as suas bases, ou pelo menos assim o pensavam. Para garantir o sigilo das operações, os pracinhas não sabiam datas de embarque ou quaisquer rumos nos deslocamentos. Nesta noite, o Grupamento 2 comandado pelo General Euclides Zenóbio da Costa não seguiu como previsto – movimentou-se para o cais do porto, a fim de proceder ao embarque com destino ao teatro de guerra. Mais tarde, em setembro de 1944, os outros dois grupamentos (1 e 3) embarcaram no cais do Porto do Rio de Janeiro rumando para Nápoles. (SANTOS, 2006).

Além desse 1º escalão que partiu do Rio de Janeiro no dia 02 de julho 1944 e chegou na Itália no dia 16 de julho de 1944, ainda se seguiram mais quatro escalões de embarque para o teatro de operações da Itália.

### **A vida durante a Guerra na Itália**

Segundo Ferraz, logo na chegada foram hostilizados pela população já que chegaram desarmados e trajando um uniforme verde escuro pensaram que eram prisioneiros de guerra, mas ao verem negros no meio dos soldados perceberam o engano e logo a situação mudou.

Foram enviados, ao todo cinco escalões cada um com aproximadamente cinco mil homens cada. Fizeram parte do 4º Corpo do V Exército Americano, onde já se encontravam tropas inglesas, canadenses, polonesas, indianas entre outras.

---

<sup>6</sup> Divisão de Infantaria Expedicionária

Após chegarem a Itália era realizada o ultimo estagio de treinamento dos soldados, visto que, seu treinamento era iniciado aqui no Brasil sendo destinado o último momento de treinamento em solo italiano para depois em fim entrarem em combate.

Nesse tópico irei abordar histórias vivenciadas por estes homens na guerra, entre eles vou começar por um relato bem marcante que é o do seu Pedro Moreira onde ele vai falar o seguinte:

Quando chegemos em Monte Castelo, encontramos uns 07 a 08 carro carregada de brasileiro morto, a gente só via as butina assim né, é com a cruz encarnada e nós ia ocupar o lugar deles. Como era q nos podia fica? Mas quando nós chegamos lá em Montese ai fomu assistir uma missa com o Capelão Frei Alipe de baixo de uma arvore, eu num sei de arvore era não. ... Eu sei que na hora assistimo a missa quando acabou ele deu sentença da hora da morte a nós tudim. E num é porque vão morrer não mas o que morrer já tá (não entendi).<sup>7</sup>

Essa era a realidade encontrada por estes homens, que saíram de suas casas apenas jovens entre os seus 18 e 22 anos de idade, e que se deparavam com toda a destruição estrutural, física e metal que uma guerra pode causar no homem. Continuando o mesmo relato o Sr. Pedro Moreira afirma que:

Até que fumo graças a Deus e fumo adepois que entrava dentro da trincheira eu num lembro se foi no segundo dia que cheguei na trincheira espocou uma bomba assim perto. Perto que caiu terra em cima da trincheira dagente. Ai eu vou dizer uma coisa mas nós tava com o armamento pronto dentro da trincheira tinha aqueles guarda pra movimentar eu atirava de metralhadora. Metralhadora de mão .30 e lá tinha a .30 e a .50.<sup>8</sup>

Esse é simplesmente aquele momento em que o homem tem que deixar de lado todos os seus valores morais, e decidir qual vida é mais importante, a sua ou a do outro inimigo, que por ventura do destino está do outro lado vivendo o mesmo dilema, qual mãe vai chorar a perca do seu filho.

Porém, aviam os momentos de descanso entre os soldados como conta dona Noélia filha do Expedicionário Gregório Maia de Freitas: *eles numa brincadeira de futebol*

---

<sup>7</sup>Entrevista realizada por Antônio Marloves Gomes Vieira Júnior com o Sr. Pedro Moreira de Almeida no dia 23 de junho de 2013.

<sup>8</sup> IDEM.

*inclusive eles brincavam lá de futebol aí foi nisso que ele quebrou a perna lá, aí pronto, foi quando ele veio embora só passou 06 meses.*<sup>9</sup>

Como conta a Sra. Noelia em um desses momentos de brincadeira o seu pai acaba tendo um acidente e quebrando a perna, ele estava em uma guerra mas não se feriu em combate e sim no momento de lazer.

Quanto à alimentação dos soldados o historiador Luciano B. Meron nos fala que o primeiro contato das tropas brasileiras com a alimentação fornecida pelos americanos foi nos navios de transporte das tropas para a Itália. Havia uma preocupação de alimentar os soldados de forma bem nutritiva visto que eles estavam se preparando para a guerra e existia a necessidade de se ter homens bem alimentados e vigorosos. Como os Estados Unidos passava por um momento de crescimento econômico, as indústrias estavam em um ótimo movimento de crescimento favorecendo para os esforços de guerra americanos.

Quando já estavam no campo as rações eram divididas em três tipos a K, B e C. A ração B era a que dava uma maior motivação ao soldado já que eram servidas quentes e tinham uma maior variedade de sabores. As rações K e C eram mais utilizadas quando os soldados estavam em missões que demandasse mais tempo longe dos postos de abastecimento e fariam com que eles tivessem algo para comer.

Meron também vai destacar as necessidades básicas da população com a guerra, onde uma das principais dificuldades enfrentadas é a busca por comida. Esse problema afetava principalmente a população das grandes cidades, já que as pessoas no campo tem a possibilidade de fazer plantação. Nesse sentido apesar do comando proibir a troca das rações por outros produtos, os soldados brasileiros realizavam essas trocas, até surrupiavam produtos como animais para comer. Havia também a benevolência onde muitos soldados distribuíam parte da sua ração com a população das regiões por onde passavam.

### **A volta pra casa**

Após toda aquela pompa que foram recebidos Meron relata a realidade com a qual se deparam aqui no Brasil.

---

<sup>9</sup>Entrevista Realizada por Antônio Marloves Gomes Vieira Júnior com a Sr.Noelia Soares de Freitas em 07 de dezembro de 2013

Após o regresso foram receber o dinheiro que lhes era de direito já que o seu soldo era dividido em três partes, uma era recebido na Itália, a outra era mandada para as famílias e a última era depositada no Banco do Brasil, só que eles tinham que prestar conta de alguns objetos que receberam como, por exemplo, os piquetes da barraca em que dormiam nos campos de batalha e isso acabava gerando descontos no momento de receber o seu soldo aqui no Brasil. Boa parte desse dinheiro nem saiu do Rio de Janeiro já que muitos desses homens aproveitaram e caíram na farra.

Com o fim da guerra, os combatentes queriam voltar as suas vidas normais de antes desta, seguir em seus empregos, voltar ao seu cotidiano, porém presenciar uma guerra não é um fardo leve para muitos homens, e logo surgiram problemas como, dificuldades de relacionamento não apenas no seio da família, mas em sociedade também. Diferentemente das outras nações aliadas, as autoridades brasileiras não se perguntaram o que fazer com esses homens após a guerra, apenas destituíram as unidades e acabou, foram praticamente abandonados.

Pimentel também vai retratar vai à triste realidade que esperavam os nossos soldados. Como as tropas expedicionárias eram compostas por militares de carreira e a grande maioria por homens que foram alistados devido à necessidade de soldados, estes dois grupos passaram por problemas diferentes. Os que eram militares de carreira sofreram dificuldades como, transferências para quartéis em lugares muito distantes, foram hostilizados por aqueles que aqui ficaram, muitos por questões internas, do tipo promoção, já que um herói de guerra teria mais condições e “merecimento” de as receber. Mesmo assim não sofreram tanto quanto os civis, já que os militares possuíam carreira segura, benefícios médicos, enquanto os expedicionários comuns não contavam com esses auxílios tudo se tornava mais difícil, já que a sua primeira preocupação de imediato era a busca por emprego.

Agora em meio à sociedade civil, mais uma vez, muitos deles voltaram aos seus empregos, já que os patrões eram obrigados a readmiti-los, porém logo eram demitidos, pois os empregadores argumentavam que estavam com problemas de desajustamento e neurose. Outra dificuldade com relação a emprego era que a grande maioria foram convocados na idade de buscar uma profissão e no atual momento a única coisa que sabiam fazer era ser soldado do exército brasileiro.

Muitos são os relatos de homens de se feriram na guerra e não conseguiam se tratar. O Expedicionário Antônio Alves de Lima do município de Limoeiro do Norte é um exemplo dessa situação, já que ele havia ficado com uma sequela no olho que o deixava sem enxergar

devido a um tiro de bateria antiaérea, além de sequelas psicológicas como relata a sua filha a senhora Neuzenir:

As vezes assim até alguma coisa assim que eu colhia dele agente sentava aqui fora e eu tentava puxar alguma coisa, mas se você chegasse assim pra entrevistar ele, ele dizia logo, ã. Não posso, já ficava nervoso, já ficava né. Chegava até a chorar. Quando ele recebia a visita do daquele sargento Edezio ele começou a, fez continência pra ele né ai começou a cantar o hino da guerra. Só foi começar a cantar ele começou a chorar né ai o sargento ficou todo sem jeito né e pediu desculpa a ele, não sabia que ele era assim.<sup>10</sup>

Essa era a realidade que esses homens que jogaram com a sorte encontraram após o regresso para casa. Nos primeiros anos após a guerra ainda tinham um pouco do status de ser um herói de guerra, mas com o passar dos anos, as pessoas esquecem e esquecem também das suas próprias memórias.

Muitas anos após o regresso para casa, é que foi conseguido o direito a pensão que quem ainda é vivo recebe. Essa pensão em alguns casos podem ser destinadas as esposas e em seguida para as filhas, porém o que determina se ela será beneficiada ainda não consegui entender, pois já encontrei casos de filhas que recebem e outras que dão entrada no processo e o benefício é negado.

Como em sua maioria, os que entrevistei os familiares eram trabalhadores rurais ajudando a seus pais, muitos voltaram para a mesma atividade, já outros tiveram mais sucesso na vida e conseguiram certo destaque, como o Expedicionário Pedro Moreira que chegou a ser Prefeito do Município de Tabuleiro do Norte.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ALVES, Vágner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Violar Memórias e Gestar a História. Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um "parto difícil". In: CLIO: Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, v. 1, n. 15, p. 38-52, 1994.

---

<sup>10</sup> Entrevista realizada por Antônio Marloves Gomes Vieira Júnior com o Sra. Maria Neuzenir de Lima no dia 17 de setembro de 2013

CAVALHEIRO; C. V. BORGES, Luís Fernando Rabello. **A comunicação dos envolvidos com a FEB (jornalistas e pracinhas) durante a Segunda Guerra Mundial.** CESNORS/UFSM – Centro de Educação Superior Norte. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). 2009.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Rui Moreira. **Senta a Pua!** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército. 1980.

Lima, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças.** – Fortaleza – Ce: Assis Almeida, 1997

MERON, Luciano B. **Memórias do front: Relatos de guerra de veteranos da FEB.** Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). 2009.

MERON, Luciano B. **Saco vazio não para em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB (1944-1945).** [22:25:15] Meu amor: Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: lucianomeron@gmail.com

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB Pelo Seu Comandante.** 2ª Edição. Instituto Progresso Editorial S.A. Rua conde de Sarzedas, 81-85 – São Paulo – 1947.

MOURA, Gerson. Sucessos e Ilusões-Relações Internacionais do Brasil antes e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. p.26 IN. SANTOS, Luciana Ibarra. Há algo de novo no front: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Dissertação de mestrado defendida em 2006

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB Pelo Seu Comandante.** 2ª Edição. Instituto Progresso Editorial S.A. Rua conde de Sarzedas, 81-85 – São Paulo – 1947.

OLIVEIRA, Dennilson de (org). ROSTY, Cláudio Skora (col). **A força expedicionária brasileira e a segunda guerra mundial – Estudos e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. 2012.

PIMENTEL, Carlos. H. L. A Esquerda Militar no Brasil: Os Veteranos Comunistas da FEB (1945-1950). In. **A reintegração social dos veteranos da Segunda Guerra Mundial: estudo comparativo dos ex-combatentes do Brasil e dos Estados Unidos (1945-1965)**. Trabalho de Especialização. Londrina, Paraná. 2010, p. 336 á 349.

ROCHA, C. M. **Estudo sobre os acervos dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira: Documentação pessoal dos veteranos e sua difusão**. Trabalho de conclusão de curso (monografia em Arquivologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2011

SANTOS, L. I. **Há algo de novo no front: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). 2006.

#### Referências da Internet

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/AGuerraNoBrasil/ReuniaoChanceleres> acesso em 01 de maio de 2014 as 13:20

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_de\\_opera%C3%A7%C3%B5es](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_de_opera%C3%A7%C3%B5es) acesso em 03 de abril de 2014, as 18:05.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale\\_do\\_Jaguaribe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Jaguaribe) acesso em 04 de abril de 2014, as 13:27

Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=231310&search=tabuleiro-do-norte> acesso em 21 de julho de 2014, as 15:32.

Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=230070&search=alto-santo> acesso em 21 de julho de 2014, as 15:41.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decretolei/19371946/Del1187.htm#art191](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/19371946/Del1187.htm#art191) acesso em 26 de julho de 2014 as 17:21

Fonte: [http://www.10rm.eb.mil.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=54](http://www.10rm.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=54) acesso em 27 de julho de 2014, as 14:27.